OAUTOR

Genésio Zeferino da Silva Filho

Diretor do Sistema Salesiano de Videocomunicação - SSV *E-mail*: genesio@salesiano.br

FUNK: GRITO POR ESPAÇOS DE CONVIVÊNCIA

Pesquisa mostra *funk* como uma forma de expressar a necessidade de estar-junto dos jovens

uito se tem falado hoje sobre a música funk. Publicaram-se artigos em revistas, nos jornais, na Internet. Os grupos musicais desse gênero são convidados para shows, apresentações em programas televisivos e de rádio, concedem entrevistas... Nos bailes jovens são essas as músicas mais solicitadas e mais dançadas. Até mesmo o Carnaval, reino exclusivo de sambistas, foi invadido por cantores funk. Bandas como Bonde do Tigrão, Furação 2000 estão entre as que mais venderam discos no último verão. O funk chegou à grande mídia, ou será que foi a mídia que entrou no funk? A verdade é que esse tipo de música virou negócio.

As letras das músicas, as coreografias, o tipo de dança e de ritmo têm provocado discussões em vários lugares, sobretudo em instituições educativas.

Resolvi colher, junto a educadores e educandos de algumas escolas e obras sociais salesianas, opiniões sobre o *funk*. As

posições, como não poderia ser diferente, são muito variadas e, às vezes, se polarizam. Algumas afirmações colhidas pela pesquisa:

- "O funk é um movimento da sociedade, um modo de se expressar que, muitas vezes, apela para uma apologia da violência, do sexo, sujando a imagem da população, predominantemente da mulher" (Waldir Júnior, 16 anos);
- "Um movimento de expressão das classes sociais mais pobres, mas que hoje em dia está invadindo todas as classes sociais" (Bruna Moura, 17 anos);
- "A batida é muito boa para ouvir e dançar" (Fellipe C., 13 anos);
- "O ritmo é até envolvente, mas as letras são indecentes" (Aline Jacques, 15 anos);
- "Não se pode julgar todas as músicas com o mesmo padrão. Há algumas que são extremamente de mau gosto" (Giselle Ferreira, 16 anos);

- "O funk começou como uma manifestação, uma reação cultural dos excluídos. Tem uma força significativa porque encontrou numa camada da população uma identificação com seus anseios e expectativas" (Marco Antônio, 26 anos);
- "Eu acho que o funk em si é legal, mas ele dá a apologia da droga, do sexo, as brigas..." (Marcel Pinto, 13 anos).
- "É uma onda que vai passar como tantas outras passaram, por isso, não se deve dar a ele tanta importância" (Marilza Souza, 40 anos);
- "O funk quer é vender, por isso não interessa o conteúdo das letras, nem o tipo de dança. O que importa é que Bonde do Tigrão e Furacão 2000, por exemplo, estão vendendo milhões de discos" (Carmen Lúcia, 16 anos).
- "Esse movimento tem só música ridícula como *Tapinha não dói*, só que na verdade, dói sim!" (Thamimy Reis, 12 anos).
- "Tem o funk do bem e o funk do mal. Eu gosto do bem, que só tem coisa maneira. As letras são o máximo e não têm nada de safadeza" (Bernardino Silva, 14 anos).

Estas são apenas algumas das opiniões colhidas. Representam visões diferentes do mesmo fato. Todas têm sua razão de ser. Não se trata de ver qual está certa ou errada. Se estendêssemos o público pesquisado, aumentaria, certamente, o universo de diferenças de respostas. Diante dessa diversidade de opiniões e visões, me fiz uma pergunta: e eu, como me posiciono diante desse fenômeno? Como estou enxergando e analisando essa questão? Na busca de respostas, foram surgindo dúvidas, perguntas,

reflexões, temores e também algumas convicções. São essas que desejo compartilhar com os leitores. Assim, certamente, poderemos crescer juntos.

QUAL SERÁ A PRÓXIMA ONDA?

Gostaria de começar analisando a afirmação da educadora Marilza quando diz "é uma onda que vai passar, como tantas outras passaram". Já ouvi essa afirmação de muitas outras pessoas. E é verdade! Como onda, o funk vai passar. Há quem diga que ele já está passando, que já não tem o mesmo apelo de antes. Ondas passageiras como a discoteca de John Travolta, a lambada de Luiz Caldas, a axé music de É o Tchan e tantas outras. Se é verdade que uma onda passa é também verdade que outra chega. A pergunta que permanece não é sobre a onda, mas sobre a função que ela exerce. Que espaço social existente é esse que necessita ser constantemente preenchido por ondas, ainda que passageiras?

A persistência de fenômenos musicais que arrastam milhões de pessoas e congregam multidões aponta para a existência de uma função social desses fenômenos.

Vivemos numa sociedade extremamente tecnologizada e mediada. Faça uma experiência: veja como suas relações estão sendo cada vez mais intermediadas por instrumentos tecnológicos: o telefone, a televisão, o rádio, o computador, o *e-mail*, o celular, a Internet... Alguém pode perguntar: como a televisão ou o rádio medeiam minhas relações? É lógico que é um tipo de mediação diferente do telefone, por exemplo. Mas verifique a origem dos discursos estabelecidos em suas relações. Confira os assuntos de suas conversas, mesmo as informais, e você verá que muitos são pautados pela televisão e pelo rádio. Ou ainda, quantas conversas você deixou de fazer por causa da televisão? Não estou aqui dizendo que a televisão é ruim, que atrapalha as relações. Não sei se isso é melhor ou pior. O que estou afirmando é que a maioria de nossas relações estão sendo cada vez mais mediadas1.

Mauro Wilton de Souza, professor de comunicação na ECA-USP, falando a educadores salesianos num Congresso em Águas de Lindóia, desafiava o grupo: "qual a última vez que você se debruçou à janela de sua casa ou apartamento?" A pergunta parece banal, mas é desafiadora. Debruçarse à janela significa conversar despreocupadamente, estar disponível para o outro, para um bate-papo, para "jogar conversa fora", como costumamos dizer. Significa estar disposto a ouvir, a ver o vizinho, o próximo, o outro. Não só vê-lo, mas encontrá-lo face a face, sem intermediações, diretamente. É também deixar-se ver, permitir ser percebido. Debruçar-se à janela significa contemplar a vida sem preocupação de julgá-la, ver as pessoas simplesmente pelo prazer de as ver.

O mundo tecnologizado está nos tornando carentes de encontros pessoais, de relacionamentos gratuitos, sem formalidades, sem cobranças, sem censuras. Estamos querendo contatos corpo a corpo. Os bailes *funk*, os grandes *shows*, as megas concentrações ou outros do gênero, não seriam janelas onde as pessoas estão se debruçando em busca de contatos?

Assim, o local de dança deixa de ser apenas uma sala de baile, o *funk* deixa de ser um movimento ou gênero musical e passa a ser um espaço social. Um ambiente de encontro onde as pessoas se tocam, se vêem, se experimentam, ainda que não possam conversar pelo barulho da música ou pelo ritmo alucinado das coreografias. Mas, no momento da vivência isso pouco importa. O que interessa é estar junto, é estar lado a lado.² E nesses ambientes, sabemos bem, os corpos não estão apenas lado a lado, muitas vezes estão colados um ao outro. É a expressão máxima da necessidade de estar *com*.

Nos bailes funk as letras das músicas nem sempre são questionadas. Fora de lá, sim. Os jovens expressaram muito bem em suas análises. São "indecências" ou "exploração" da mulher-como afirmam os depoimentos acima - mas na hora da dança, esses questionamentos não entram. Não é esse o espaço da crítica. É o lugar de curtir o outro, de estar junto, da relação direta. Mesmo que ali a técnica (o funk é por excelência música técnica) continue sendo a mediadora, o que importa é encontrar-se. As coreografias são, muitas vezes, erotizadas, incitam à prática do sexo. E há relatos de sexo explícito e até sexo grupal em bailes funk. Não entrando aqui no mérito dessas práticas, o fato de estar com é mais importante do que como estar.

Cf. CITELLI, Adilson. Comunicação e educação. A linguagem em movimento. São Paulo: Editora Senac, 2000. p. 16-20.
Cf. BABIN, Pierre, A era da comunicação. São Paulo: Paulinas, 1989.

Bruna diz que o *funk* é "um movimento de expressão das classes sociais mais pobres, mas que hoje em dia está invadindo todas as classes sociais". Talvez esteja aqui a explicação para esse fato. Não é manifestação de uma classe de pobres economicamente, mas de pobres afetivamente, carentes de relações pessoais abertas, gratuitas. E isso não se restringe a essa ou àquela classe social.

POR QUE É TÃO IMPORTANTE ESTAR COM?

Continuando a reflexão, podemos perguntar: por que é tão importante estar com, a ponto de não se importar tanto em como estar?

Vivemos numa sociedade que é fruto da modernidade, seja como consequência ou como reação. A modernidade foi toda construída sobre a racionalidade, sobre o domínio da razão, com tudo o que isso implica. O filósofo Max Weber falava que a modernidade criou "uma gaiola de ferro, que é a racionalidade", e a sociedade pósmoderna não se comporta mais dentro dela. A racionalidade criou modelos, parâmetros rígidos, fixos, previsíveis em função do futuro. "Modernidade significa ter o futuro como condicionante do presente", afirma Mauro Wilton.3 Isso em todos os campos. Na economia muitos pregam que se deve acumular agora para desfrutar depois. Havia modelos de política econômica que ditavam: é preciso fazer crescer o bolo para distribuí-lo posteriormente. A escola, a universidade ensinam o aluno a acumular conhecimentos para serem aplicados quando formado. A religião prega que a verdadeira felicidade está no paraíso, depois da morte. É esse o modelo da racionalidade moderna. É o que Mauro Wilton chama modelo de "adiamento do prazer".

Alvin Toffler diz que a sociedade pósmoderna não está mais centrada na razão, mas no sentimento, na experiência vivencial⁵. Os sentidos não dão base para o futuro. Eles indicam presente. Os sentidos emitem sensações enquanto são afetados de alguma maneira.

Podemos dizer que o projeto da pós-modernidade é o projeto do presente e não do futuro. É o modelo do aqui e agora.

O adolescente, o jovem está vivendo plenamente esse modelo, com todas as implicações. A vida é para ser vivida, desfrutada agora e não amanhã. Não há adiamento do prazer. Ao contrário, é para ser vivido hoje, no presente. Talvez, por isso, o jovem entre de corpo e alma em suas experiências, ainda que perigosas e arriscadas. Então, estar com é mais importante do que como estar. "A presença é uma necessidade natural do ser humano. Uma necessidade que pulsa na base mais profunda de nosso ser"6.

Com essa análise não quero legitimar o funk ou negar suas já tão citadas e comentadas características e consequências. O que proponho é deslocar o eixo de análi-

^{3.} SOUZA, Mauro Wilton. Novas linguagens. São Paulo, Editora Salesiana: 2001. p. 15.

^{4.} SOUZA, Mauro Wilton. Novas linguagens. ... p. 15p. 15 - 19.

⁵ Cf. TOFFLER, Alvin e Heidi. A terceira onda. Rio de Janeiro; Editora Record, 1980.

GOMES DA COSTA, Antônio Carlos. A arte do encontro. O significado e o sentido da presença em nossas vidas. Belo Horizonte: Modus Faciendi, 2001. p. 21.

se. Não basta discutir o *funk* como se fosse ele o problema. Ele é apenas a ponta visível de um grande *iceberg*. Há um grave problema existencial submerso na sociedade atual que, vez ou outra, se deixa perceber através de fenômenos sociais como o *funk*.

FUNK: UM DESAFIO AOS EDUCADORES

Aos olhos e ouvidos atentos do educador, o *funk* não é percebido apenas como mera ameaça aos costumes e à moral, mas como uma necessidade, um clamor, um grito da sociedade atual, principalmente das novas gerações, por espaços sadios de convivência, por oportunidades de encontros verdadeiros, por propostas de valores de vida.

Sempre foi delegado às instituições educativas - escola, estado, igreja e família - o papel de satisfazer essa demanda, educando e formando as novas gerações. Porém, como José Manuel Moran, podemos dizer que as instituições não conseguiram acompanhar as mutações profundas e rápidas por que passou a sociedade, criando um vácuo que está rapidamente sendo preenchido pelos meios de comunicação social.7 Ainda que elas se esforcem por se reverem e se atualizarem, não têm a mesma velocidade e, por isso, desafortunadamente, constatamos o aumento da distância entre o papel que lhes cabe e sua capacidade de cumpri-lo. E é justamente nesse intervalo que a mídia, sobretudo a televisão, ganha força, colocandose como aquela que indica os valores a serem seguidos. A televisão e, agora, a Internet parecem estar se tornando as grandes referências na criação de valores das crianças e adolescentes.

A indústria cultural percebeu na sociedade atual essa demanda e ofereceu seu produto. Como dizia Carmen Lúcia, não importa a qualidade das letras ou o ritmo das coreografias.

O que interessa é vender discos. E eles estão sendo vendidos aos montes. Porém, essa oferta não preenche a demanda, não satisfaz as verdadeiras necessidades porque elas são de outra natureza.

Se é válida a análise apresentada acima, a proposta de educação integral, que supere o mero fato de ensinar ou instruir, encontra terreno fértil para frutificar. Talvez, ao refrão da música do Bonde do Tigrão quando convida: quer dançar, quer dançar, possamos responder: quero dançar, sim! Quero dançar não a dança erotizada, não a música imbecil por ele proposta. Sim, quero dançar a festa da vida, a alegria de viver. Quero sentir o prazer do encontro com o outro sem exploração, sem segundas ou terceiras intenções. Quero dançar onde possa usufruir a vida hoje sem ter do que me arrepender amanhã. Sim, quero sair para dançar sem medo de não poder voltar. Ouero encontrar espaços sadios onde possa brincar, jogar, conversar, namorar sem ser explorado, violentado. Quero

MORAN, José Manuel e outros. Novas tecnologias e mediação pedagógica. Campinas: Papirus, 2000.

dançar, sim, com amigos verdadeiros, sinceros que me respeitem como pessoa e em quem possa confiar. Quero dançar, sim, com danças de louvores à vida, sem ter que me inclinar ou me expor diante de ídolos fabricados pela mídia.

É essa a parte mergulhada do iceberg: a grande necessidade existencial. Necessidade que não é só dos jovens, mas de toda a sociedade atual. Talvez os jovens, por serem mais irreverentes, destemidos e sensíveis estejam tornando-a mais evidente. A nós adultos, educadores, restam perguntas: como responder propositivamente às interpelações (às vezes duras) que nos chegam dos jovens? Como superar a tentação de ficarmos apenas reagindo e julgando aquilo que nos deixa constrangidos e chocados? Por que - em vez de objetos de julgamento e censura - não temos sido capazes de fazer dos jovens companheiros de busca e indagação das respostas que nem eles e nem nós temos prontas no bolso, escritas na palma da mão ou dentro de uma cartola?

É necessário que nós, educadores, nos coloquemos frente às manifestações do universo juvenil numa postura de abertura, reciprocidade e compromisso. Estar disponível para o encontro, o diálogo e a disposição que esta postura (atitude básica) pressupõe, que é a de influenciar e de ser influenciado. Deixar-se influenciar construtivamente pelos jovens é sem dúvida alguma - o grande desafio com o qual se confrontam hoje as gerações adultas. Como romper com a unilateralidade de pontos de vistas e interesses? Como abdicar de julgamentos preconcebidos para abrir-se ao diálogo sincero e fraterno capaz de fazer crescer ambas as partes envolvidas?

Que será este um caminho mais difícil, não tenho dúvidas; trilhá-lo, às vezes, pode revelar-se até mesmo doloroso e traumático. A pergunta, no entanto, continua sendo: existe outro melhor?

Resumo: O artigo discute o interesse dos jovens pelos bailes funks. Analisa, a partir de depoimentos de alunos e educadores, como a sociedade contemporânea, mediada cada vez mais por meios tecnológicos, dificulta as relações interpessoais e com isto cria necessidades de espaços de encontros. O autor analisa os bailes funks como fenômeno que atende a esta necessidade: a de estar com, sem que importe muito como estar. O autor conclui pela importância do diálogo entre jovens e adultos, educadores e educandos.

Palavras-chave: funk, meios de comunicação, pós-modernidade, jovens, mercado fonográfico (Funk movement: the invisible part of an iceberg) Abstract: The article discusses the young people's interest in funk balls. It analyzes, based on statements made by students and educators, how the contemporaneous society, increasingly mediated by the technological media, makes interpersonal relationships ever so much more difficult to have and, thus, creates the need for meeting spaces. The author analyzes the funk balls as a phenomenon that attends to this need: being with people, no matter how. The author concludes the article talking about the importance of there being dialogue between young people and adults, educators and students.

Key words: funk, media, post-modernity, young people, phonographic market